

# **Idel Becker em três tempos: estudo comparativo- historiográfico sobre sua abordagem lexical no ensino de espanhol para brasileiros**

**Diego José Alves ALEXANDRE<sup>1</sup>**

---

1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Rio Grande do Norte, Natal, Brasil;  
| [diegojalexandre@gmail.com](mailto:diegojalexandre@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-6021-5079>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i3.3760>

**Resumo:** Este artigo objetiva, desde uma perspectiva historiográfica e a partir de considerações sobre a história do ensino de espanhol no Brasil, identificar e analisar as afirmações linguísticas sobre o espanhol em três fontes produzidas por Idel Becker em diferentes momentos da sua carreira, a saber: *Manual de Espanhol*, de 1945, artigo científico sobre os heterossemânticos na relação português-espanhol, publicado em 1953, e mais uma vez o *Manual de Espanhol*, edição de 1988. Para tanto, buscou-se analisar as fontes sob o viés comparativo-historiográfico, a fim de estabelecer relações entre o tema do léxico espanhol e as práticas de ensino desse idioma na atualidade. Nas conclusões, abre-se espaço para pensar sobre os fios discursivos que foram rompidos ou que tiveram continuidade ao longo das décadas, desde a primeira publicação do autor mais exitoso do país no campo do hispanismo.

**Palavras-chave:** Idel Becker. Ensino do léxico. Historiografia da Linguística.

---

## **Idel Becker in three phases: a comparative-historiographical study of his lexical approach to teaching Spanish to Brazilians**

**Abstract:** This article, from a historiographical perspective that considers the history of Spanish language teaching in Brazil, aims to identify and analyze the linguistic claims about Spanish in three works by Idel Becker, produced at different stages of his career: the *Manual de Espanhol* (1945), a scientific article on heterosemantics in the Portuguese-Spanish relationship (1953), and the 1988 edition of the *Manual de Espanhol*. For this purpose, the works were analyzed through a comparative-historiographical lens to establish connections between the topic of the Spanish lexicon and current Spanish teaching practices. The conclusions invite reflection on the discursive threads that have been discontinued or have persisted over the decades, since the initial publication by one of the country's most influential scholars in the field of Hispanism.

**Keywords:** Idel Becker. Lexical Teaching. Historiography of Linguistics.

## **| Introdução**

De acordo com a história dos materiais escolares para o ensino de língua espanhola no Brasil, Idel Becker (1910-1994) é considerado um *caso exemplar* pela consistente e volumosa quantidade de publicações e/ou de estudos que

envolvem o castelhano e sua didática. Sem dúvida, pelo menos dentro da primeira metade do século XX, Becker, no âmbito do hispanismo brasileiro, é o autor mais produtivo e seu material mais lembrado, o *Manual de espanhol* (1945), um dos mais republicados em solo nacional. Antes do *Manual*, vale o destaque para a publicação do que provavelmente foi o primeiro dicionário espanhol-português editado no Brasil (1943), instrumento linguístico que viria a ser reformulado anos mais tarde, como em 1945, através do *Pequeno dicionário Espanhol-Português*, e em 1951, com o *Dicionário Popular Espanhol-Português*.

Idel Becker e sua produção acadêmica estão situados sobretudo na década de 1940, período este em que ao espanhol fora conferido um espaço mais legitimado dentro da escola básica brasileira. A explicação para o êxito nessa década específica reside no fato de que foi nesse momento, a partir da conhecida Reforma de Capanema de 1942, lei que instituía o castelhano nos primeiros anos dos cursos clássicos e científicos das escolas secundárias<sup>2</sup>, que se deu início ao que chamei de primeira gramatização massiva do espanhol no Brasil (Alexandre, 2021). Concretizada através de um *boom* editorial dentro dos anos 40, o referido período foi cenário para a publicação de vinte e quatro obras didáticas sobre a língua e literatura espanhola/hispano-americana, feito inaugural que não se repetiria nas décadas posteriores.

Outros dois fatores também foram responsáveis pela fertilidade da década de 1940 para o hispanismo no Brasil. O primeiro, de caráter político-legal, diz respeito à publicação da Portaria ministerial 127/1943 expedida pelo governo brasileiro e responsável por fixar os conteúdos de espanhol que deveriam ser ministrados nas aulas da educação secundária. Sem dúvida, com conteúdos elencados, passava-se a existir um currículo mínimo, um esboço padronizador para a elaboração e venda, por parte de editoras, de livros didáticos de espanhol (que, na maior parte dos casos, eram gramáticas dessa língua). A segunda razão para o período áureo do espanhol no Brasil do século XX gira em torno de um caráter historiográfico-interpretativo, concretizado pelo que Cavaliere (2012) chamaria de *período linguístico* da gramaticografia brasileira. Segundo o autor, a publicação dos *Princípios de linguística geral*, de Mattoso Camara Junior, em 1941, “promoveria expressiva modificação no panorama dos estudos sobre a língua no Brasil” (p. 220).

---

2 Atréadas a essa mudança político-educativo-linguística, há três publicações de Idel Becker pensadas para atuar nesse novo cenário intelectual e pedagógico: *Sugestões para a execução do Programa de Espanhol – cursos clássicos e científicos* (1945), *Estudo do espanhol na Escola Secundária e Metodologia do espanhol* (os dois últimos publicados em 1950 pela *Revista Atualidades Pedagógicas*, São Paulo).

Embora Cavaliere se refira à língua portuguesa em sua ideia de periodização, é possível estabelecer pontes com o caminho histórico dos materiais de espanhol pelo fato de que os autores de gramáticas de língua materna, ou pelo menos os que tinham formação gramatical a partir desses exemplares, eram os que em parte também produziam livros voltados ao castelhano. Com isso quero dizer que muitos dos autores de livros voltados ao espanhol na década de 1940, justamente a partir da efervescência das reflexões sobre o português a que assistiam, escreviam seus instrumentos linguísticos de espanhol também levando em conta a língua portuguesa, isto é, gramáticas de espanhol pensadas para brasileiros falantes de português.

Entre os conteúdos que mais “espelhariam” o português, o estudo do léxico ocupa lugar privilegiado. Em Alexandre (2023), reflito sobre a origem, difusão e permanência do que considero praticamente um método de ensino no Brasil: a aprendizagem do vocabulário espanhol a partir da comparação com o português. Entre os autores que publicaram na década de 1940, destaco Cândido Jucá Filho com o seu *El castellano contemporáneo* (1944) e, como já dito e como é de interesse do presente estudo, Idel Becker, com *Manual de espanhol* (1945).

Além das incursões sobre o ensino-aprendizagem do léxico espanhol a partir da língua portuguesa feito em seu *Manual* durante os anos 40, Becker também publicou, na década seguinte, outro estudo em que o tema é destacado com o mesmo teor. Em 1953, pela revista *Hispania*, Estados Unidos – que já funcionava desde 1917 –, o autor publicou o curto artigo *Los heterosemánticos en Español y Portugués*, situando-o em bases semelhantes ao que já havia proposto em sua obra quase dez anos antes.

O objetivo do presente estudo, assim, vai ao encontro do estabelecimento de comparações historiográficas entre o que Becker afirmou na sua obra de 1945 (*Manual de espanhol*), no seu artigo de 1953, publicado pela *Hispania* e, mais uma vez, posteriormente, em seu *Manual* de 1988, sob a justificativa de que esse último ano pode ser tratado como cenário das últimas edições desta gramática. Em minha análise, pretendo dar relevo aos movimentos de ruptura e de continuidade acerca do ensino-aprendizagem do espanhol pelo viés da comparação lexical espanhol-português, com vistas a pensar sobre o ensino desse idioma no Brasil de hoje.

## **| Primeiro tempo: Becker e o léxico espanhol em 1945**

Pouco se sabe sobre a biografia de Idel Becker (e dos outros autores que publicaram durante os anos 40). Embora tenha nascido na Argentina

(precisamente em Porto Casares, ainda que as fontes não assegurem plenamente essa informação), pode-se dizer que sua naturalidade se deu por acaso. Pelo fato de na cidade em que seus pais viviam (Erebango, Rio Grande do Sul) os recursos médicos serem escassos, a família decidiu atravessar a fronteira para que houvesse um parto seguro. Quinze dias após o nascimento, Becker e família já retornavam ao Brasil, país em que de fato viveriam.

A nacionalidade brasileira foi adquirida somente em 1939, cinco anos após a conclusão do curso de medicina da Universidade de São Paulo (USP). A larga formação de Becker dentro do campo da saúde e das humanidades fez dele um intelectual atuante em diversas frentes<sup>3</sup>, todas, de algum modo, voltadas à docência: além de professor de anatomia na Faculdade de Odontologia da USP, também viria a ser professor titular de língua e literatura espanhola, cultura brasileira e história da civilização na Faculdade de Filosofia da Universidade Mackenzie (SP).

Becker também foi professor de espanhol na educação básica, tendo atuado a partir de 1945 no Colégio Estadual Franklin Roosevelt. Nesse cargo, como nos conta Guimarães (2018), também se voltou a ações políticas em defesa do ensino de espanhol que, à época, era atacado por parte da sociedade e visto como desnecessário para o brasileiro, já que nossa população, por falar português, supostamente assimilaria com facilidade o espanhol. Em resposta a um colaborador do *Jornal de Notícias* de São Paulo, que argumentava nesse sentido, Becker escreve uma correspondência e a envia para o referido jornal:

Leciono espanhol no Colégio Estadual, à rua São Joaquim. Dou aulas às terças e sábados, das 9h50 às 12h40 e das 15h às 18 horas. De manhã as turmas são exclusivamente masculinas. À tarde são femininas e mistas. V. S. poderá chegar de improviso, quando melhor lhe aprouver. Meus alunos e alunas (quase 250) não estarão “especialmente preparados”, pois nada lhes direi e continuaremos as nossas tarefas como de costume.

V. S. poderá solicitar de mim todos os esclarecimentos que desejar e poderá conversar com os meus alunos, à vontade, sem minha interferência. Poderá assistir aos nossos trabalhos ou poderá sugerir um tipo especial de tarefas. O meu ensejo é, apenas, de que V. S. forme um juízo exato, honesto, da questão – sem preconceitos formulados “a priori”.

---

3 Becker é autor de mais de 20 livros, inclusive sobre xadrez, como o *Manual de xadrez* (1948) e o *Aberturas e armadilhas no xadrez* (1969).

Creio que é o mais que posso e devo fazer, nesta questão, perante V. S., a fim de colaborar, honestamente nos elevados ideais do magistério brasileiro. Cumprimentos cordiais do amigo e admirador (Becker, 1946, p. 7 *apud* Guimarães, 2018, p. 122).

A década de 1950 é considerada por Guimarães como a consolidação da hegemonia do Manual de Idel Becker. De acordo com o pesquisador, dentro da década de 1940 o Manual de espanhol já havia sido reeditado 13 vezes, sendo o líder do período nesse sentido. Essa tendência se confirma durante os anos 50, visto que a obra, mais uma vez na liderança entre as demais da década, atingiu o número de 37 reedições/reimpressões e foi utilizada tanto na educação secundária quanto no ensino superior (Guimarães, 2018, p. 123-124). O Manual, nesse ritmo, figuraria o maior êxito editorial brasileiro com um assunto ligado ao hispanismo – a edição de 1988 é a 76a; e sabe-se hoje que esse número pode ter crescido mais um pouco até o início dos anos 2000.

O ensino do léxico espanhol proposto por Becker não fora um passo inaugural na historiografia, pois Antenor Nascentes, ainda em 1920, com sua *Grammatica da lingua espanhola para uso dos brasileiros*, já havia iniciado essa reflexão: no último capítulo dessa obra (Noções de Semântica), a confrontação entre grupos lexicais português-espanhol já era observada. Contudo, sem dúvida, esse *encaminhamento didático* foi consolidado apenas nos anos 40 – sobretudo a partir de fontes como a de Becker (1945), o estudo lexical do espanhol ganhou notoriedade pelo seu contraste com o português<sup>4</sup>.

De tudo o que o *Manual de Espanhol* abrange, chama a atenção, especialmente, o estudo do vocábulo. Na primeira edição, Becker dedicou um capítulo para tratar de *Divergências lexicológicas*, numa menção ao contraste espanhol/português, fato esse mencionado desde o prefácio do livro. Assim, conteúdos como os *heteroprosódicos* (termos de grafia e de sentido semelhantes, mas de tonicidade diferentes), *divergências ortográficas* (comparação entre a formação de palavras no português e no espanhol), *heterogenéricos* (substantivos que diferiam no gênero de um idioma para o outro) e *falsos sinônimos* (palavras do espanhol semelhantes ou idênticas ao português, mas com significado diferente) eram os mais explorados no compêndio.

No capítulo 3 do *Manual*, Becker anuncia os *heteroprosódicos*. Segundo o autor, se trata de termos de sentido e de grafia semelhante (entre o português e o

---

4 Em Alexandre (2023), também considero a obra de Jucá Filho (1944) exemplar quanto ao encaminhamento para o ensino do léxico espanhol. No presente estudo, no entanto, me fixo em Idel Becker, exclusivamente, pelas razões já apontadas na justificativa.

espanhol), mas de diferente tonicidade entre os idiomas. Acrescenta o gramático que essa classificação representa “verdadeiras dificuldades para o leitor brasileiro, por não levarem acento ortográfico” (p. 36). Dessa forma, a questão do acento gráfico é trazida à tona sob o caráter de facilitadora/dificultadora para a compreensão do estudante brasileiro. Isso se comprova à continuação desta seção, momento em que são apresentados alguns heteroprosódicos “fáceis” de identificar justamente pelo fato de o acento ortográfico incidir sobre a vogal tônica (ele exemplifica com *acróbata*, *burócrata*, *oxígeno*, *límite* etc.).

Os *heterogénéricos* em Becker (1945) também ganham uma atenção especial:

**Imagem 1.** Heterogénéricos apresentados em Becker (1945)

Os HETEROGENÉRICOS são substantivos que diferem no gênero, dum idioma para outro. Eis uma relação dos mais freqüentes:

EL <i>árbol</i> (a árvore)	LA <i>baraja</i> (o baralho)
EL <i>color</i> (a cor)	LA <i>cárcel</i> (o cárcere)
EL <i>desorden</i> (a desordem)	LA <i>coz</i> (o coice)
EL <i>dolor</i> (a dor)	LA <i>labor</i> (o labor)
EL <i>ênfasis</i> (a ênfase)	LA <i>leche</i> (o leite)
EL <i>estante</i> (a estante)	LA <i>miel</i> (o mel)
EL <i>fraude</i> (a fraude)	LA <i>nariz</i> (o nariz)
EL <i>origen</i> (a origem)	LA <i>protesta</i> (o protesto)
EL <i>puente</i> (a ponte)	LA <i>sal</i> (o sal)
EL <i>síncope</i> (a síncope)	LA <i>sangre</i> (o sangue)
EL <i>rezo</i> (a reza)	LA <i>señal</i> (o sinal)
EL <i>vals</i> (a valsa)	LA <i>sonrisa</i> (o sorriso)

E muitos terminados em *MBRE* e *AJE*:

LA <i>costumbre</i> (o costume)	EL <i>coraje</i> (a coragem)
LA <i>cumbre</i> (o cume)	EL <i>lenguaje</i> (a linguagem)
LA <i>legumbre</i> (o legume)	EL <i>linaje</i> (a linhagem)
LA <i>lumbre</i> (o lume)	EL <i>paisaje</i> (a paisagem)
LA <i>urdimbre</i> (o urdume)	EL <i>viaje</i> (a viagem)

Mais adiante (SUBSTANTIVOS AMBÍGUOS) ver-se-á que também no gênero pode haver indecisão, dentro do próprio idioma castelhano: *la mar*, *el mar*, etc.

**Fonte:** Becker (1945, p. 38)

A lista proposta por Becker, embora não exaustiva, pretende conferir “dicas” para o estudante brasileiro conseguir identificar o gênero das palavras. A orientação ou o estabelecimento de relação entre vocábulos terminados em *-mbre* e em *-aje* e os gêneros, respectivamente, feminino e masculino, é repetida até hoje em manuais de espanhol ou, principalmente, no discurso docente brasileiro.



A última subseção do capítulo 3 inaugura o que hoje conhecemos, no Brasil, como *falsos amigos* ou *falsos cognatos*. É a primeira vez que um autor de um instrumento linguístico voltado à língua espanhola nomeia o que chamamos atualmente por *heterossemânticos*. Becker, naquele momento, classifica esse grupo como *falsos sinônimos* e afirma ser esta a parte mais difícil para o estudante brasileiro:

[...] nem sempre palavras iguais, ou quase iguais, querem dizer a mesma coisa nos dois idiomas. A semelhança ortográfica e prosódica de muitos vocábulos é, às vezes, tão só aparência exterior. A identidade ideológica não se realiza.

A diferença pode existir, sobretudo, numa ou outra acepção do termo, o que complica a questão. E nem sempre o sentido da frase nos chamará a atenção sobre possíveis erros de tradução e interpretação! (Becker, 1945, p. 38-39).

No manual, o autor exemplifica esse conteúdo com um exemplo literário, extraído da obra *Juvenilia*, do uruguaio Miguel Cané (1851-1905). Com o excerto, Becker dirige o leitor à tradução da palavra “exquisito”, usada na construção “melões exquisitos”. Argumenta o autor que, embora no Brasil esse vocábulo poderia ser compreendido com um sentido depreciativo, por outro lado, no espanhol, o sentido iria na direção contrária. É por isso que, ao finalizar esta parte, Becker se vale das palavras do dicionarista espanhol-português Visconde de Wildik (1897), que afirma que a riqueza de ambas as línguas, bem como suas afinidades, também representava obstáculos.

Embora Becker faça, no capítulo 21, nova abordagem sobre o léxico espanhol<sup>5</sup>, o que havia afirmado em sua obra já se configura como relevante para o que considere em Alexandre (2023) como uma continuidade discursiva e didática até os dias atuais. Quero dizer que a ideia de contraste com o português faz de Becker, sem dúvida, sobretudo pela força editorial e pela boa recepção do seu livro, uma influência discursiva para o que hoje fazemos em sala de aula de língua espanhola (no tocante ao ensino do léxico): não são raras as práticas de ensino em que conteúdos como heterossemânticos, por exemplo, ganham destaque, inclusive quando o espanhol é referenciado pela grande mídia.

---

5 Em sua última incursão sobre o ensino-aprendizagem do léxico dentro do *Manual*, Becker chama de *regionalismos* as divergências vocabulares entre Espanha e América. Em Alexandre (2023), considero que este parece um movimento inédito entre os autores da década de 1940 porque, até então, só se constata a existência da diversidade lexical entre as duas regiões, mas nada que fosse minimamente aprofundado ou sistematizado.



## | Segundo tempo: Becker e o léxico espanhol em 1953

Para analisarmos o pensamento de Idel Becker sobre o léxico no período que classifiquei como o de segundo tempo, é preciso considerar que a ideia de pensar o estudo/ensino de espanhol na interface com o português não é uma ideia exclusivamente formulada por pesquisadores brasileiros. Prova disso está no fato de existir fora do Brasil, muito antes do início do trabalho de Becker, precisamente em 1917, uma associação de professores de português e espanhol, localizada nos EUA (*American Association of Teachers of Spanish and Portuguese*) que mantinha ativa a revista científica *Hispania*. Nesse sentido, seria natural encontrar, já naquele momento, pesquisas que fizessem a relação entre as duas línguas.

Na edição de fevereiro de 1953 da revista *Hispania*, já como professor da Faculdade Mackenzie, Becker publicou dois artigos, um de literatura<sup>6</sup> e outro de língua. O de língua, cujo título foi *Los heterosemánticos en Español y Portugués*, tratava de apresentar à comunidade acadêmica dos EUA o que ele considerou uma das “mayores dificultades para que un brasileño o un portugués dominen, con precisión, el castellano; o para que un individuo de habla española entienda, sin graves embarazos, el idioma portugués” (Becker, 1953, p. 98). Para conferir mais força a seu argumento, Becker ainda fala sobre o reconhecimento dessa dificuldade por parte do governo brasileiro da época, que, segundo o autor, explicitava em seu programa curricular de espanhol a importância de se estudar os heterossemânticos. Seu artigo, apesar de curto, é muito categórico ao afirmar que os heterossemânticos deveriam estar no horizonte curricular dos professores brasileiros que ensinavam espanhol.

Logicamente, uma vez que se voltava aos pesquisadores norte-americanos, Becker tecia suas considerações sobre o português e o espanhol a partir de traduções entre essas línguas e o inglês. Na lista apresentada no artigo, ele elenca 59 heterossemânticos que considerava como os mais importantes dentro de um universo de 150 exemplos, publicados em 1951, no seu *Dicionário popular espanhol-português*. Como se nota, no quadro comparativo que constrói, para todas as palavras semelhantes ou idênticas na grafia entre o português e o espanhol, Becker insere seu significado/explicação em inglês:

---

6 Título do artigo: “Don Quijote y el Concepto Ético: cabalgada de Rocinante a través de la Filosofía”.

**Imagem 2.** Lista de heterossemânticos apresentada por Becker na revista *Hispania*, EUA

ESPAÑOL	PORTUGUÊS
<i>¡absolutamente!</i> absolutely!	<i>absolutamente:</i> by no means!
<i>absorto:</i> amazed	<i>absorto:</i> absent-minded, swallowed up
<i>alias:</i> alias	<i>aliás:</i> by the way, on the other hand
<i>apellido:</i> surname	<i>apelido:</i> nickname
<i>apurado</i> (Am.): in a hurry	<i>apurado:</i> worried, in a pinch
<i>arrestar:</i> to arrest	<i>arrestar:</i> to confiscate, attach
<i>bazofia:</i> scraps, leavings (food)	<i>bazófia:</i> boast
<i>billón:</i> billion	<i>bilhão:</i> a thousand million
<i>bonificación:</i> discount, reduction	<i>bonificação:</i> bonus
<i>brincar:</i> to spring, jump	<i>brincar:</i> to play, toy
<i>“buqué”</i> (galicismo): perfume	<i>“buquê”</i> (galicismo): bunch of flowers
<i>cachorro:</i> cub	<i>cachorro:</i> dog
<i>cambalache</i> (Am.): secondhand shop, frippery	<i>cambalacho:</i> cheat
<i>candelerio:</i> candlestick	<i>candeeiro:</i> lamp
<i>caneca:</i> a vitreous earthen bottle	<i>caneca:</i> mug
<i>carroza:</i> state coach	<i>carroça:</i> cart

**Fonte:** Becker (1953, p. 99)

Também é importante destacar, nessa altura do texto, uma explicação mais aprofundada que Becker faz sobre este tema e a relação cultural/pragmática que a língua portuguesa do Brasil encerra:

Quando nos dirigimos, em espanhol, a uma pessoa estranha, a um senhor respeitável, a um amigo recente, o correto será chamá-los de *usted*. Contudo, se falamos em português, o tratamento de você resultará uma insólita descortesia; em muitos casos significará grave ofensa (tão grave, que poderá provocar violenta reação por parte do ofendido) (Becker, 1953, p. 99, *itálicos do autor, tradução própria*<sup>7</sup>).

Becker ainda critica dicionários bilíngues português-espanhol/espanhol-português. Segundo ele, esses materiais se equivocam quanto à tradução dos heterossemânticos e, além disso, não se atentam a questões contextuais do uso da língua, fato que acarreta a pouca atenção que os estudantes dispensarão a possíveis erros.

É importante salientar que Becker já havia ganhado notoriedade por pesquisadores norte-americanos alguns anos antes desta publicação. Na edição

---

<sup>7</sup> No original: “Cuando nos dirigimos, en español, a una persona extraña, a un señor de respeto, a un amigo reciente, lo correcto será llamarle de usted. Pero, se le hablamos en portugués, el tratamiento de você resultará una insólita descortesía; en muchos casos significará grave ofensa (tan grave, que podrá provocar violenta reacción por parte del ofendido)”.

de novembro de 1949 da revista *Hispania*, o professor e pesquisador Wilfred A. Beardsley (1889-1959), cuja obra mais importante, *Infinitive constructions in old Spanish* (1921), ainda é editada até os dias atuais, escreveu uma resenha sobre o *Manual* de Becker (já na 9ª edição, de 1948). No texto, Beardsley chama a gramática do autor brasileiro de “algo notável no mundo editorial”, comparando as características do seu livro a algumas publicações francesas e espanholas. Também frisa o resenhista o fato de que o então presidente da Real Academia Espanhola da época, Menéndez Pidal, acompanhou a revisão da obra e a elogiava *pela pureza do idioma castelhano utilizado no material*.

Outro aspecto que chama a atenção de Beardsley é o fato de a obra de Becker não parecer destinada a iniciantes, comentário esse que, na visão do estudioso, contrasta com o público-alvo ser destacadamente os estudantes secundaristas do Brasil. Escreve Beardsley:

A combinação desses recursos em um livro para iniciantes é incomum [...]. Mesmo na primeira lição, o estudante brasileiro encontra palavras bastante difíceis usadas sem explicação, e espera-se que ele responda em bom espanhol a perguntas como “¿En cuántas naciones es el idioma (español) como oficial?” (p. 23). *Embora tal procedimento seja inaceitável aqui, provavelmente é justificado no Manual devido à estreita relação das palavras espanholas e portuguesas [...]. A atenção do editor não parece estar centrada no conforto do aluno [...]. Pode o leitor imaginar uma gramática espanhola que não explique a diferença entre ser e estar, por e para, e tenha pouca discussão sobre o subjuntivo? Nada disso é necessário para o estudante brasileiro. Ele conhece essas distinções por instinto* (Beardsley, 1949, p. 572, grifos nossos, tradução própria<sup>8</sup>).

As impressões de Beardsley vão no sentido de confirmar algo que Becker já havia amplamente apregoado quando publicou sua obra no Brasil: a aproximação entre português e espanhol fazem do castelhano uma língua muito familiar ao brasileiro e, portanto, conhecê-la, muitas vezes, se dá através do instinto de falante. Chama a atenção do articulista o fato de que essa aproximação se dê sobretudo através do léxico (“devido à estreita relação das palavras espanholas e

---

8 No original: “The combination of these features in a beginner’s book is unusual [...]. Even in the first lesson the Brazilian student meets quite difficult words used with no explanation, and he is expected to answer in good Spanish such questions as ¿En cuantas naciones es el idioma (español) oficial? (p. 23). While such a procedure would be unpardonable here, it is probably justified in the Manual because of the close kinship of Spanish and Portuguese words [...]. The editor’s attention does not appear to be centered on the student’s comfort [...]. Can the reader imagine a Spanish grammar that does not explain the difference between ser and estar, por and para, and has little discussion of the subjunctive? None of this is necessary for the Brazilian student. He knows these distinctions by instinct”.

portuguesas”), tal como Becker, desde o lançamento de seu *Manual*, comentara, em 1945, e como vemos isso fortemente alicerçado no ensino de espanhol no Brasil até os dias atuais. À parte de, na visão dos EUA, a obra de Becker parecer adequada para o ensino de espanhol em solo brasileiro, destaca-se que o seu *método* também era legitimado fora do país, por pesquisadores que, naquele momento, tinham grande notoriedade dentro dos estudos hispânicos.

Sem dúvida, todo esse cenário fez da carreira de Becker ainda mais consistente, absolutamente uma referência. Tanto o é que, como já apontado, sua obra mais importante fora reeditada pelas décadas seguintes. E é nesse sentido que agora vamos caminhar: Becker em seu terceiro tempo ou o *Manual de Espanhol* de 1988.

### **| Terceiro tempo: Becker e o léxico espanhol em 1988**

O *Manual de espanhol* de 1988 a que tive acesso foi editado e publicado pela editora Nobel. Apesar da capa simples e do título em espanhol, o subtítulo sinaliza um viés mais comercial da obra: (“Gramática. Ejercicios. Lecturas. Correspondencia. Vocabularios. Antología poética”).

O que de imediato chama a atenção e aponta para uma grande diferença em relação à obra de 1945 é o fato de, no atual livro, conter exercícios de fixação do conteúdo gramatical. Em relação especificamente à organização da gramática e o conteúdo sobre o léxico, esta obra também se difere da primogênita: em 1945, a questão lexical/vocabular já aparecia nas primeiras páginas do compêndio; em 1988, na metade do volume. Outro aspecto que marca alguma diferença entre os livros é que o mais recente abarca a questão lexical duas vezes. A primeira constante na parte dos exercícios e leitura, e a segunda na parte do chamado “apêndice gramatical”.

É interessante notar que o apêndice gramatical funciona na obra como um material de consulta rápida, já que seu conteúdo, em relação ao vocabulário espanhol, é mais resumido a essa altura do texto. Apesar de, tanto em 1945 quanto em 1988, os títulos dos capítulos serem praticamente idênticos (*Divergências Léxicas* em 1945 e *Vocabulario de divergencias léxicas*, em 1988), é nessa parte que os *heterotónicos*, *heterogenéricos* e *heterosemánticos* se resumem a apenas lista de palavras. Ao contrário do que havia na obra dos anos 40, quando a expressão “falsos sinônimos” (hoje mais conhecida como “falsos amigos”) foi usada pela primeira vez numa obra de língua espanhola publicada para brasileiros e em solo nacional, nos anos 80 os heterossemânticos não são ressaltados nesse sentido e não há recomendações sobre seu ensino, mas

somente, ao final da seção, a sugestão de se consultar um “buen diccionario español-portugués”. Também ao final da seção há ainda uma novidade, a explicação dos *biléxicos*, ou *léxicos biformes*, ou ainda *dobletes*. Em contraste com o português, os *dobletes* são conceituados como formas divergentes apenas em uma língua. Exemplificando, eles são assim sistematizados em Becker (1988):

**Imagem 3.** Apresentação de biléxicos, contraste entre português e espanhol

BILÉXICOS PORTUGUESES			
<i>caballero</i> ...	{	CAVALEIRO CAVALHEIRO	<i>oscuro</i> ... { ESCURO ..... OBSCURO .....
<i>haz</i> .....	{	FACE FEIXE	<i>sueño</i> .... { SONO ..... SONHO .....

BILÉXICOS ESPAÑOLES					
<i>costa</i> .....	{	COSTA (*)	<i>hervor</i> ... { FERVOR ..... <i>fervor</i> ....		
<i>cuesta</i> .....					
<i>hilo</i> .....	{	FIO	<i>onda</i> .....	{	ONDA .....
<i>filo</i> .....			<i>ola</i> .....		
<i>horma</i> .....	{	FORMA (**)	<i>hondo</i> ... { FUNDO ..... <i>fondo</i> ....		
<i>forma</i> .....					
<i>respeto</i> .....	{	RESPEITO	<i>solo</i> .....	{	SOLO .....
<i>respecto</i> .....			<i>suelo</i> ....		

**Fonte:** Becker (1988, p. 97)

Quando somamos a esse cenário a ideia de que esse conteúdo estava organizado, mais uma vez, a partir do contraste com o português, isso nos leva a criar a hipótese de que Becker e sua editora talvez tivessem agora maior consciência da consolidação do ensino do léxico espanhol a partir da comparação com o português e que, metodologicamente, isso poderia estar restrito a lista de palavras. Com isso quero dizer que, se antes ainda havia alguma preocupação do *Manual* em contextualizar, explicar, exemplificar em frases extraídas ao menos do uso literário, no apêndice gramatical do *Manual* de 1988 fica claro que bastava o domínio dos ditos principais casos – lembremos mais uma vez que no artigo de Becker publicado em 1953 pela revista *Hispania* essa tendência já estava fixada, tendo o próprio autor afirmado que, embora pudesse elencar 150 palavras heterossemânticas advindas da relação espanhol-português, iria apenas se deter às principais (59 palavras).

A questão do contraste entre os dois idiomas, aspecto levantado a partir das dificuldades que um brasileiro pode vir a ter ao aprender espanhol, também pode ser vista na lição 8 da obra de 1988. O capítulo inicia com um fragmento de *La raíz del rosal*, texto de Gabriela Mistral, e segue com explicações sobre divergências léxicas (entre o português e o espanhol):

Chamamos divergências léxicas as diferenças – grandes ou pequenas, e às vezes sutis – que existem entre certos vocábulos de ambos idiomas (espanhol e português). São vozes semelhantes, morfológicamente, que divergem, seja na ortografia, seja na prosódia, no gênero, ou na significação. Estas são, sem dúvida, as maiores dificuldades para que um brasileiro ou um português dominem, com precisão, o castelhano – ou, para que um indivíduo de fala hispânica conheça a fundo o idioma português (Becker, 1988, p. 46, tradução própria<sup>9</sup>).

No *Manual* de 1945, embora exista a mesma ideia na apresentação das *divergencias léxicas* entre os dois idiomas, não há explicações prévias mais aprofundadas, como notamos em 1988. No entanto, as afirmações linguísticas acerca dos *heteroprosódicos* e *heterogenéricos* praticamente permanecem as mesmas. As divergências ortográficas, que antes recebiam essa exata denominação, em 1988 são transformadas em *heterográficos*, configurando-se, assim, um termo novo.

Uma das principais mudanças reside na afirmação sobre os heterossemânticos. Na década de 1940, como já comentado, Becker deu a esse grupo o nome de *falsos sinônimos*, notadamente um gesto inaugural em torno do que hoje conhecemos como *falsos amigos*. Em 1988, porém, preferiu apenas dizer heterossemânticos e, num texto praticamente parafraseado de 1945, aponta os vocábulos que se encaixariam nessas características. Vale lembrar que no texto publicado pela *Hispania*, em 1953, Becker também já usava o termo heterossemânticos.

Outra importante diferença do texto dos anos 80 reside nos exercícios elaborados para este conteúdo. Através de quatro questões, Becker pede ao estudante brasileiro que tanto organize/componha, com base em palavras isoladas, grupos de heterotônicos e heterogenéricos, quanto traduza para o português palavras descontextualizadas do espanhol, indicando, desse modo,

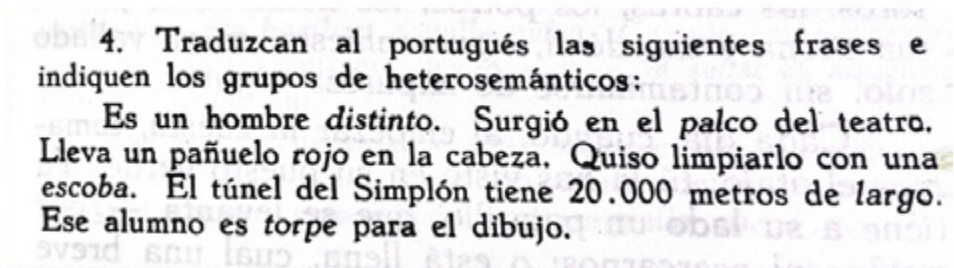
---

9 No original: “Llamamos divergencias léxicas las diferencias – grandes o pequeñas, y a veces sutiles – que existen entre ciertos vocablos de ambos idiomas (español y portugués). Son voces semejantes, morfológicamente, que divergen, sea en la ortografía, sea en la prosodia, sea en la ortografía, sea en la prosodia, en el género, o en la significación. Éstas son, sin duda, las mayores dificultades para que un brasileño o un portugués dominen, con precisión, el castellano – o, para que un individuo de habla española conozca a fondo el idioma portugués”.



suas diferenças gráficas e prosódicas. Outros exercícios vão no sentido de pedir a tradução de um pequeno texto em espanhol escrito deliberadamente com palavras que, frente ao português, representam os heterossemânticos:

**Imagem 4.** Exemplo de exercícios de tradução de heterossemânticos



**Fonte:** Becker (1988, p. 49)

As considerações feitas por Becker acerca dos heterossemânticos também podem ser sistematizadas a partir do que o autor exemplificava em suas afirmações. Abaixo apresento como foram tratados esses exemplos em 1945 e em 1988:

**Quadro 1.** Exemplos formulados por Becker (1945, 1988) para o estudo dos heterossemânticos

Becker (1945, p. 39)
<p>Allí doraba el sol esos melones de origen exótico, redondos, incitantes en su forma ingénita de tajadas, los melones exquisitos, de suave pasta perfumada y de exterior caprichoso, grabado como un papiro egipcio (Miguel Cané, Juvenilia).</p> <p>Não parece simples e correta a seguinte tradução?:</p> <p>Ali dourava o sol êsses melões de origem exótica, redondos, incitantes em sua forma ingênita de gomos, os melões ESQUISITOS, etc.</p> <p>[...] o termo “esquisitos”, pela extensão de suas acepções (especialmente no Brasil), daria um sentido pejorativo [...]. Todavia, o autor quis dizer “EXCELENTE”, “de gosto delicado, delicioso, sumamente agradável”... que êsse é o único sentido da palavra castelhana.</p>
Becker (1988, p. 48)
<p>“La sopa tenía un gusto exquisito” (o sea, excelente, sumamente delicioso). “EXQUISITO”, sobre todo en el Brasil, diría exactamente lo contrario [...]</p> <p>“Una joven de cabello rubio” (o sea, de color amarillo, dorado). Em português: “LOIRO”.</p> <p>“Todavía no ha llegado”. Em português: AINDA NÃO CHEGOU.</p>

**Fonte:** Elaboração própria, com base em Becker (1945, 1988)



O quadro acima levanta algumas questões. A primeira é o fato de, nos anos 40, Becker preferir exemplificar o conceito de heterossemânticos a partir de uma obra literária, ainda que não explorasse, em seu exemplo, a literariedade do texto, mas apenas uma palavra descontextualizada. Quase quarenta anos depois, o autor parte exclusivamente de frases sem contexto, de um dado que elaborou apenas para ilustrar o que ora apresentava. Também é interessante notar que o vocábulo “exquisito” está presente nos anos de 1945, 1988, e também em 1953, na publicação da *Hispania* (“exquisito: exquisite/esquisito: strange”). Pela experiência como formador de professores de espanhol no Brasil, a recorrência dessa palavra em aulas de heterossemânticos não é ao acaso. Trata-se de um “eco” originado nos anos 40 e repetido por anos, até os dias atuais. Do mesmo modo, também são familiares nas memórias docentes os exemplos com “rubio/a”.

Outra questão levantada pelo quadro acima é em torno da preferência por um exemplo literário em 1945 e a sua ausência em 1988, o que talvez nos indique que Becker seguia, em seu gesto inaugural dos anos 40, uma tendência muito forte da gramaticografia ocidental da época. A partir da ideia de que se aprendia língua estrangeira para, sobretudo, se acessar os bens culturais que foram produzidos naquele idioma, materiais de apoio à aprendizagem, como é o caso da gramática, lançavam mão de autores literários clássicos e renomados, os que eram conhecidos por utilizarem uma língua dita *pura* e *correta*. Em 1988, por outro lado, havia outro contexto no tocante ao ensino de idiomas, além de outra ideia sobre o caráter utilitarista do aprendizado de línguas estrangeiras.

De um modo ou de outro, a “essência” do ensino do léxico espanhol, sobretudo dos heterossemânticos, esteve potente apesar do tempo. As alterações, poucas, mostram apenas uma reformulação no modo de apresentar os grupos de palavras que, segundo Becker, interessariam ao brasileiro estudante de espanhol. Por isso, mais uma sistematização é importante:

**Quadro 2.** Termos usados por Becker para se referir aos conjuntos lexicais em distintos tempos

	Becker (1945)	Becker (1953)	Becker (1988)
Heterossemânticos		X	X
Falsos sinônimos	X		
Heterogenéricos	X		X
Heterográficos			X
Divergências ortográficas	X		
Heteroprosódicos	X		X
Heterotônicos			X
Biléxicos			X

**Fonte:** Elaboração própria

É interessante notar a fertilidade na criação e/ou na reformulação de termos em Becker de 1988. Denominações como *biléxicos* e *heterográficos* passaram a existir somente na última edição da sua obra, reformulados em relação à primeira. Antes, respectivamente, excetuando-se *biléxicos*, que não tinham ainda sido citados em seus trabalhos, vigoravam as *divergências ortográficas*. Isso talvez indique que o gramático tenha pensado em formas mais “enxutas” com o passar do tempo. Os *heteroprosódicos* e os *heterogenéricos* sempre existiram; os heterossemânticos, no entanto, foram usados em 1953<sup>10</sup> e em 1988, materializando uma afirmação linguística que, embora já houvesse em 1945, com os *falsos sinônimos*, viria a ser consolidada a partir da segunda metade do século XX.

É importante perceber que, mesmo tendo sido preterido na obra dos anos 80, os *falsos sinônimos* até hoje marcam a nossa memória historiográfica como uma denominação “menos científica”, mais popular, digamos, de representar esse grupo lexical, bem como a sua variação, talvez a mais usada até hoje, os “falsos amigos”.

Isso posto, visitados os três tempos de Becker em relação ao ensino do léxico espanhol no Brasil, passemos às considerações finais.

<sup>10</sup> No ano de 1953 só existe a correspondência de um termo apenas porque, como já apontado, a fonte que aqui fora analisada tratou de um curto artigo de Idel Becker publicado na revista *Hispania* (EUA). Nele, o autor abordou exclusivamente os heterossemânticos do português e do espanhol.

## | Considerações finais

O presente estudo objetivou analisar as afirmações linguísticas de Idel Becker acerca do léxico espanhol e o seu ensino para brasileiros. Somado a isso, o artigo também se voltou à influência dessas afirmações no hoje, sobretudo no modo atual como vivenciamos a aprendizagem do espanhol na escola básica.

A partir das fontes de 1945, 1953 e 1988, notam-se movimentos de atenção a esse conteúdo e à forma como deveríamos, na visão de Becker, ensiná-lo/aprendê-lo. A preocupação desse gramático em encontrar caminhos didáticos para que o brasileiro aprendesse as principais divergências ortográficas, fonéticas e semânticas entre o português e o espanhol fez com que esse tema seguisse forte ao longo do século passado e que hoje se apresentasse, surpreendentemente, como um notável “eco”. Noutras palavras, se em 1945 Becker inaugurava afirmações sobre o que hoje conhecemos por *falsos amigos*, por exemplo, na atualidade seguimos com essa preocupação: reforçado pelo atravessamento da mídia em geral, parece-nos postulada a equivocada ideia de que aprender léxico castelhano nos faz dominar este idioma.

Em 1953, já como um sucesso editorial, Becker segue o curso de seu pensamento sobre o léxico espanhol, dessa vez apresentando-o à comunidade acadêmica norte-americana – fato esse que nos mostra o quanto essa ideia não foi fértil apenas no Brasil, mas já era compartilhada entre pesquisadores de outros lugares. Prova disso também reside na resenha elaborada por Beardsley acerca do *Manual* de Becker, material este que já sinalizava para o fato de que ensinar espanhol a brasileiros, devido a nossa familiaridade vocabular, era uma tarefa, necessariamente, em sua visão, muito singular.

Em 1988, agora tratando do que considere como uma das últimas edições do *Manual*, nota-se Becker num modelo mais enxuto e econômico de apresentação de dados linguísticos, além da criação de outros termos que, com o tempo, foi se fazendo obrigatória a observação/análise. Sem dúvida, 1988 é o momento mais fértil do autor em relação a novos termos para explicar o léxico castelhano. No entanto, é também um período mais superficial quanto ao aspecto acadêmico – e talvez isso revele um modo de fazer gramática dentro da década de 1980.

De qualquer modo, fica claro, com este estudo, que ensinar léxico espanhol a brasileiros é uma iniciativa que remonta ao início do século XX e que se estende até os dias atuais. Os três tempos aqui analisados reforçam a continuidade desse pensamento, bem como as reformulações por que passou ao longo das décadas. Compreender essa linha descontínua faz com que, no hoje, (re)

pensemos nossas práticas de ensino de espanhol a brasileiros e, quem sabe, levantemos (novos) aspectos sobre o vocábulo castelhano, como por exemplo a sua dimensão discursiva quando contrastado com o português.

Por fim, o estudo também advoga pela ideia de que espanhol como disciplina escolar no Brasil precisa, cada vez mais, da recuperação da sua historicidade, a fim de que assim compreendamos as relações didáticas e teóricas anteriores que guardamos em nossas práticas, bem como a forma como concebemos essa língua estrangeira dentro do imaginário brasileiro.

## **| Referências**

ALEXANDRE, D. J. A. **O conhecimento linguístico em materiais de espanhol publicados durante a década de 1940**: análise historiográfica da primeira gramatização massiva dessa língua estrangeira no Brasil. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ALEXANDRE, D. J. A. **O estudo do léxico em língua espanhola no Brasil da década de 1940**: reflexões sobre origem, difusão e permanência de um método de ensino. *In*: BAPTISTA, L.; SANTTOS, I. N. C.; SANTOS, K. C. (org.). **O espanhol no cenário brasileiro**: questões cruciais para o ensino, a pesquisa e a formação de professores. Campinas: Pontes Editores, 2023.

BEARDSLEY, W. A. **Resenha do Manual de Espanhol de Idel Becker, 9. ed. Hispania**, v. 32, n. 4, p. 572-573, nov. 1949.

BECKER, I. **Los heterosemánticos en español y portugués. Hispania**, v. 36, n. 1, p. 98-100, 1953.

BECKER, I. **Manual de espanhol**: gramática, exercícios, leituras, correspondência, vocabulários, antologia poética. São Paulo: Nobel, 1988.

BECKER, I. **Manual de espanhol**: gramática, história literária e antologia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

CAVALIERE, R. **Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil**: tradição e inovação. **Limite**, n. 6, p. 217-236, 2012.

GUIMARÃES, A. **História dos livros didáticos de espanhol publicados no Brasil (1919-1961)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

JUCÁ FILHO, C. **El castellano contemporáneo (gramática y textos)**. Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana S.A., 1944.

NASCENTES, A. **Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria Drummond, 1920.

WILDIK, V. **Novo dicionário Hespanhol-Portuguez e Portuguez-Hespanhol**: com a pronuncia figurada em ambas as linguas. Paris: Garnier irmãos livreiros-editores, 1897.

#### **Como citar este trabalho:**

ALEXANDRE, Diego José Alves. Idel Becker em três tempos: estudo comparativo-historiográfico sobre sua abordagem lexical no ensino de espanhol para brasileiros. **RevistadoGEL**, v. 21, n. 3, p. 172-191, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>.

Submetido em: 10/09/2024 | Aceito em: 13/01/2025.